

A MÁSCARA

Sérgio Moacir Marques

A noção de máscara envolve a idéia de sobreposição de uma fisionomia por outra, dentre uma gama variada de conceitos e significados, quais sejam; representação, resguardo, proteção, simbologia, disfarce, ilusão, intimidação, intimismo, persuasão, falsidade, veracidade, etc.

Em arquitetura, tal antagonismo de conceitos vale para, dentro de um mesmo jargão de sobrepor um plano de fachada por outro, determinar por razões diversas uma relação de transição entre espaço exterior e interior.

Este rápido ensaio se propõe, com base na idéia de distinguir situações conceituais específicas do emprego da máscara, em dois edifícios da arquitetura de habitação coletiva em Porto Alegre - um marcadamente moderno, da década de 60, o edifício FAM (Fig. 1 - arquitetos Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio Luís Gomes Araújo e Moacyr Moojen Marques / 1967); o outro, arquitetura representativa da pluralidade dos anos 80, o edifício Trevignano (Fig. 2 - arquitetos Castelar Peña e Júlio Ramos Collares / 1986) -, estabelecer um breve paralelo entre ambos, considerando as duas faces de um mesmo elemento arquitetônico: a máscara moderna e/ou a máscara pós-moderna, se é que assim podem ser chamadas.

A MÁSCARA DO FAM

O edifício FAM, cujo programa envolve uma situação particular de moradia, três famílias dos arquitetos autores do projeto, dispostas em um apartamento por andar em prédio de térreo mais três pavimentos, é absolutamente representativo da arquitetura moderna, na expressão marcante da estrutura independente de concreto armado, na envolvente de pouca substância da fachada principal, na pureza dos volumes cúbicos. No entanto, reúne atributos próprios da arquitetura moderna brasileira, notadamente aquela da escola carioca, inaugurada em 1937 com o projeto do Ministério de Educação e Saúde (Fig. 3) e expressa em obras paradigmáticas do Movimento Moderno brasileiro, como o pavilhão do Brasil em Nova York, de 1939 (Fig. 4), o hotel de Friburgo, de 1944 (Fig. 5) e o Parque Guinle, de 1948 (Fig. 6), entre outras, combinando elementos e tecnologias modernas com dispositivos e arranjos ligados à tradição e à condição local.

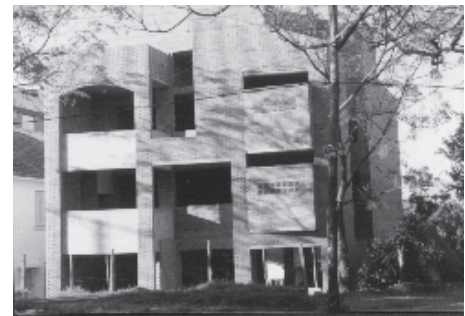
O uso do *brise-soleil* e o ajuste dos planos de fachada às condicionantes climáticas do Rio de Janeiro acabaram por despertar, naquele momento, um caráter arquitetônico nacional, valorizado pela elite artística dos anos 30 e 40, que buscava "acomodar a internacionalização moderna à paisagem local (...)" combinando "(...) avanço tecnológico à materialidade e formas tradicionais".¹ Lúcio Costa



1

Edifício FAM.

MIZOGUCHI & XAVIER, 1987



2

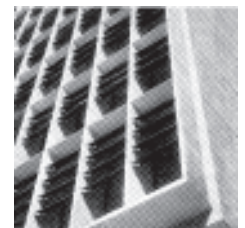
Edifício Trevignano.

Arquivo arquiteto Júlio Collares

3

M.E.S. L. Costa, O. Niemeyer, C. A. Leão, J. Moreira, A. E. Reidy, E. Vasconcelos, Le Corbusier (consultor). Rio de Janeiro, 1937.

MINDLIN, 1956



4

Pavilhão do Brasil em Nova York. Lúcio Costa, Oscar Niemeyer. New York, 1939.

MINDLIN, 1956



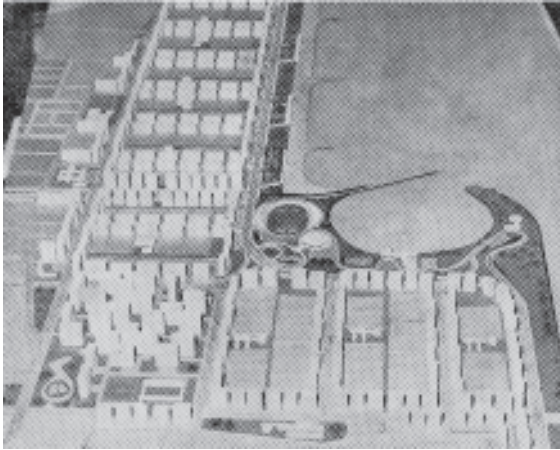
5
Park Hotel. Lúcio Costa. Friburgo - RJ, 1944.
Revista ARQUITECTURA no Brasil, maio 1996



6
Parque Eduardo Guinle. Lúcio Costa. Rio de Janeiro, 1948.
MINDLIN, 1956



7
Ed. FAM. Detalhe da fachada venezianada.
Foto do autor



8
Projeto da Praia de Belas, lei número 2330 de 1961.
Plano Diretor de Porto Alegre, 1961



9
Edifícios gabaritados pela lei n.º 2330. Rua Dr. Vicente de Paula Dutra, Porto Alegre. Década de 60.
Foto do autor

ao descrever suas propostas para a Universidade do Brasil, em 1936, destacava dentre as características do projeto, "(...) - um caráter local inconfundível, cuja simplicidade, derramada e despretenhosa, muito deve aos bons princípios das velhas construções que nos são familiares".²

De fato, no edifício FAM a fachada principal, de orientação oeste, cria a idéia de uma máscara sobreposta à fachada propriamente dita, esta integralmente de vidro, no espaço compreendido entre as lajes dos entrespisos, composta de venezianas, que se movimentam verticalmente através de contrapesos (Fig 7). O edifício, construído em área conquistada ao rio, no aterro da Praia de Belas, obedece à morfologia determinada pelo Plano Diretor de 1959 (Fig. 8), que traçava para o aterro uma seqüência de ruas entra-e-sai, intervaladas por praças, e compostas por prédios de apartamentos de térreo mais três pavimentos, com recuos laterais, frente e fundos, e possibilidade de balanço sobre o recuo de jardim (Fig. 9).

O edifício FAM, no entanto, dentro desta volumetria homogênea, garantida normativamente, distingue-se na paisagem justamente pelo trato da envolvente. Lá está a idéia de combinar a composição moderna com a tradição do muxarabi mouro aportado ao Brasil via arquitetura lusa, na forma de fachada venezianada. O prédio na verdade organiza-se a partir de uma malha rigorosamente determinada pela estrutura, modulada em três vãos no sentido transversal e quatro no sentido longitudinal (Fig. 10). O plano da fachada, no corpo dos apartamentos, é definido pelo balanço das vigas longitudinais, que se projetam para fora, tornando-se visíveis, nas quais estão apoiadas em três lados as lajes dos entrespisos, de forma que resta uma face livre de laje, correspondente ao plano da fachada. Nesse topo de laje, estão fixos montantes metálicos verticais, que subdividem os três vãos em três menores nas extremidades e quatro no meio. Nesses montantes, por sua vez, estão fixas as venezianas, com dois painéis fixos, um no peitoril e outro na verga, e dois móveis, que se movimentam verticalmente. No alinhamento vertical das vigas em balanço, um rasgo de vidro acentua a independência da estrutura. Internamente, com recuo de 2 m, outra pele, esta de vidro, faz o fechamento propriamente dito da fachada, com ampla caixilharia de vidro de partes móveis e montantes leves. O espaço de transição criado, entre veneziana e vidro, configura, em todo o plano da fachada, uma varanda, como na tradicional casa

brasileira, que por transparência abre-se à sala (Fig. 11). Na fachada, o térreo é composto de uma espécie de pilotis disfarçado, onde se encontra, em toda a extensão, a garagem de automóveis, escondida por um trilho metálico horizontal, que, preso às vigas de concreto, suspende painéis móveis de madeira. Novamente, um rasgo de vidro, este horizontal, entre o trilho metálico e a primeira laje, acentua a independência da estrutura. Lateralmente, uma pequena laje em balanço assinala, no painel contínuo de madeira, a entrada do prédio.

A fachada oeste do edifício FAM tem na máscara um contraponto, de trazer outra fisionomia, a da porosidade, a um prédio cuja verdadeira face é a da transparência, da estrutura de concreto aparente e pele de vidro. Esta característica, tão cara à arquitetura brasileira - já praticada em Porto Alegre há tanto, pelo arquiteto Edgar Graeff na residência Edvaldo Pereira Paiva, de 1948 (Fig. 12), e da mesma forma, com a mesma varanda (Fig. 14), na fachada oeste do edifício Armênia, de 1955, de Ari Mazini Canarim (Fig. 13) - foi esquecida, face à simplificação simbólica, técnica e climática praticada na fachada *curtain-wall*, produzida na arquitetura brasileira pós-Brasília, da qual, na imagem, o edifício FAM é máscara (Fig. 15).

A MÁSCARA DO TREVIGNANO

O Edifício Trevignano já leva consigo outros trejeitos da arquitetura contemporânea, notadamente daquela praticada nos anos 80, com alguma ascendência específica da vertente praticada na região do Prata.³

O prédio de apartamentos, aproveitando o terreno com duas frentes, divide-se em dois blocos separados, com um apartamento por andar em cada bloco. Na condição de edifício térreo mais dois pavimentos e cobertura, desencontrados em cada bloco pelo desnível do terreno, a construção encosta nas divisas laterais, conforme o regime urbanístico do 1º P.D.D.U., de 1979, ficando, dessa forma, suas aberturas voltadas à norte ou sul, para as ruas Guararapes e Sacadura Cabral e para o pátio interno gerado pelo intervalo dos dois blocos.

Observando em planta, reconhece-se o emprego da máscara nas fachadas principais, desta vez não por uma condição climática, já que na orientação sul, pelo menos, pouca eficiência ela teria, mas por uma resolução geométrica de transição da ortogonalidade do edifício ao ângulo gerado pelo traçado da rua e alinhamento do terreno (Fig. 16).

De certa forma, em planta, o miolo do edifício é resolvido em passiva ortogonalidade ao esquadro das divisas laterais, enquanto a máscara vem estabelecer uma articulação de paralelismo à rua, criando espaços intersticiais entre uma fachada e outra, ora espaço *poché*,⁴ ora espaço novamente aproveitado como varanda. No plano vertical da fachada cria-se uma justaposição de planos que correspondem ao alinhamento da máscara, interseccionando massas que correspondem ao volume do edifício propriamente dito (cozinhas - Fig. 17).

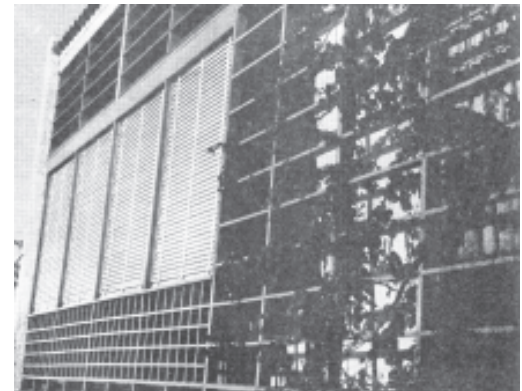


1 – Hall
2 – Gabinete
3 – Banho
4 – Dormitórios
5 – Closet
6 – Área de Serviço
7 – Cozinha
8 – Dormitório de Serviço
9 – Sala
10 – Varanda

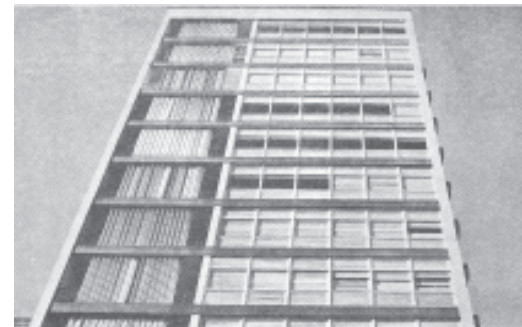
10
Edifício FAM - Planta baixa, pavimento-tipo.
MIZOGUCHI & XAVIER, 1987



11
Edifício FAM. Apartamento arquiteto Claudio Araújo, vista da sala e varanda.
Foto João Alberto Fonseca da Silva



12
Residência Edvaldo Pereira Paiva. Fachada noroeste, arquiteto Edgar A. Graeff, Porto Alegre, 1948.
MIZOGUCHI & XAVIER, 1987



13
Edifício Armênia. Fachada oeste, arquiteto Ari Mazzini Canarim, Porto Alegre, 1955.
MIZOGUCHI & XAVIER, 1987



14
Edifício Armênia, planta baixa do pavimento-tipo.

MIZOGUCHI & XAVIER, 1987

- 1 - Hall
- 2 - Circulação
- 3 - Estar
- 4 - Jantar
- 5 - Varanda
- 6 - Dormitório
- 7 - Banho
- 8 - Cozinha
- 9 - Área de Serviço
- 10 - Dormitório de Serviço

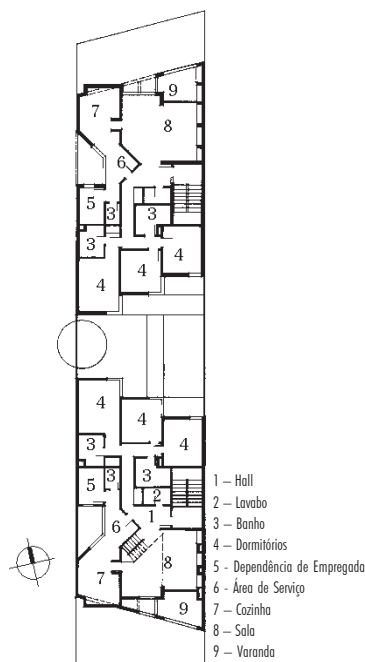
Esse artifício estético, de composição contextual à geometria do terreno, expressa a busca, praticada na década de 80, de outras fontes de razão compositiva, afora os paradigmas dominantes da arquitetura moderna. O acerto geométrico ao terreno, de que encontramos paralelo no “Museum für Kunsthandwerk” em Frankfurt, de Richard Meier, de 1979, onde a geometria estabelecida pela avenida que margeia o Rio Main e a Vila Metzler, preexistente na área do Museu, estabelece toda a rede de sobreposição de matrizes geométricas do projeto (Fig. 18), reúne-se, no edifício Trevignano, com a idéia do espaço de transição, praticada como sistema compositivo fundamental nas obras de Louis I. Kahn para o oriente (Fig. 19). Ao mesmo tempo, tanto pela simplicidade das técnicas, com o uso dos tijolos rústicos aparentes, quanto pelo apelo simbólico ao caráter regional, o edifício, intencionalmente, nas palavras do arquiteto, busca situar-se no universo estético referendado nas obras de *ladrillos* da região sul (Fig. 20).

A fachada compõe-se de um eixo central que separa dois volumes assimétricos. No meio, um vão de pé-direito duplo cria um vazio dando uma ligação mais franca das aberturas das salas com o exterior (Fig. 21). Em um dos lados o espaço intermediário é percorrido com balcões; no outro, a máscara abre caminho para volumes das cozinhas, que se projetam balanceadas para fora, criando a intersecção de ambas as geometrias. No fundo, o contraste de um revestimento cerâmico acentua a distinção dos planos fachada/máscara (Fig. 22). Na frente, os balcões, cujos topos são de concreto aparente, reforçam a idéia da máscara independente, como um plano de tijolos à vista que penetrou obliquamente no volume principal.



15
Edifício FAM. Fachada oeste com o edifício sede do Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul (IPERGS), da década de 70, ao fundo.

Foto João Alberto Fonseca da Silva



16
Edifício Trevignano, planta baixa do pavimento-tipo.

Arquivo arquiteto Júlio Collares



17
Edifício Trevignano. Volume das cozinhas, ortogonal às divisas do terreno, que se projeta sobre o plano da fachada.

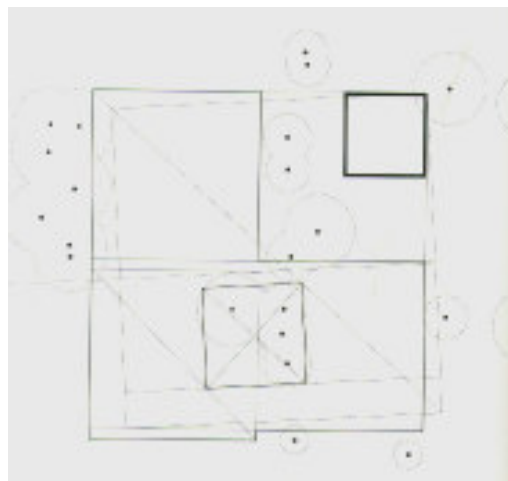
Arquivo arquiteto Júlio Collares

A postura do “contextualismo crítico”, como denominou o autor, balizou nos anos 80 a tentativa de resgate de valores regionais, em relação à pasteurização generalizada do estilo internacional radical. Dessa forma, portanto, no universo do edifício de apartamentos, cuja tipologia sofre exaustiva estandarização do mercado imobiliário, a questão colocada aqui está na seara da articulação com o lugar físico e cultural, na conjugação do edifício enquanto tecido urbano e seu diálogo com a rua e sua identidade e caráter no panorama estético, dentro da visão de um certo regionalismo, de cuja idéia a máscara do Trevignano é fisionomia (Fig. 23).

CARA OU COROA?

As obras, oriundas de tendências arquitetônicas distintas, cujo emprego da máscara, como estratégia de intermediação da interface entre espaço público e espaço privado, estabelecem também algum antagonismo no significado destes elementos. Se no FAM a máscara serve para dissimular uma verdadeira face interna, regrado as condições exteriores para fazer existir uma verdadeira fachada cortina, ou seja, mascarar uma realidade de pureza, estrutura independente e vidro com um artifício, no Trevignano a fachada verdadeira, aquela que compõe e articula-se à rua, esconde uma outra, que é conseqüência da planta, do miolo do terreno. Dialeticamente no primeiro, na arquitetura moderna, estabeleceu-se o disfarce da face principal; no segundo, dentro do pós-modernismo, criou-se a verdadeira face na forma de máscara.

No entanto o denominador comum de ambos é, dentro de seus próprios universos arquitetônicos, o cuidado em acertar a adequação da resolução formal e técnica dos projetos com as características de requinte e elegância, na resolução do todo, das partes e dos detalhes. Em ambos, acima de tudo, e longe das banalidades que tomam conta da arquitetura praticada no mercado imobiliário, tanto nos anos 60 quanto nos 80, está a busca da contemporaneidade conjugada à percepção da condição local, desempenhando a máscara, em um o papel de filtro climático, em outro o de acerto geométrico, em ambos de agente estético determinante no caráter das obras, revelando o trabalho de artistas.



18
*Museum für Kunsthandwerk, Richard Meier,
Frankfurt, 1979.*
RYKWERT, 1987



19
*Indian Institute of Management. Louis I. Kahn,
Ahmedabad, Índia, 1962.*
Revista AU, edição extra, novembro de 1983



20
*Vivienda Eladio Dieste. Engenheiro Eladio
Dieste, Montevideo, 1960.*
DIESTE, 1987



21

Edifício Trevignano. Vão central à composição da fachada, com comunicação às aberturas das salas.

Foto do autor



22

Edifício Trevignano. Plano da fachada interna, ortogonal às divisas do terreno, revestido com cerâmica.

Foto do autor



23

Edifício Trevignano. Fachada norte, rua Sacadura Cabral.

Arquivo arquiteto Júlio Collares

NOTAS

- 1 PEIXOTO, Marta. *Sistema de proteção de fachadas da escola carioca de 1935 a 1955*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, p.11-13.
- 2 COSTA, Lúcio. Universidade do Brasil. In: CENTRO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE ARQUITETURA. Lúcio Costa: sobre arquitetura. Porto Alegre, CEUA, 1962. p. 85.
- 3 Em conversas com um dos autores do projeto, arquiteto Júlio Ramos Collares, observou ele na época estar atento às arquiteturas racionalistas construídas com tijolos, praticadas no Uruguai, o que poderia significar uma certa identidade da região Meridional.
- 4 Espaço resultante da configuração de ambientes principais de edifícios tradicionais, que são ocultos ou usados secundariamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. A+U ARCHITECTURE AND URBANISM. Louis Kahn conception and meaning. Tokyo: A+U Publishing Co., nov.1983. Extra edition.
2. AU ARQUITETURA E URBANISMO. Composições Gaúchas. São Paulo: Pini, n. 37, ago./set. 1991.
3. COSTA, Lúcio. Universidade do Brasil. In: CENTRO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE ARQUITETURA. Lúcio Costa: sobre arquitetura. Porto Alegre: CEUA, 1962.
4. ELARQA ARQUITECTURA & DISEÑO. Generaciones del ladrillo I. Buenos Aires: Dos Puntos SRL, n.15, set.1995.
5. MINDLIN, E. H. *Modern architecture in Brazil*. Rio de Janeiro: Colibris, 1956.
6. PEIXOTO, Marta. *Sistema de proteção de fachadas da escola carioca de 1935 a 1955*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.
7. PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. *1º PDDU Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Porto Alegre: lei Complementar N° 43 de 21 de julho de 1979*. Porto Alegre, 1987.
8. PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. *Plano Diretor de Porto Alegre 1961: lei N° 2330 de 1961*. Porto Alegre, 1961.
9. XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*, São Paulo: Pini, 1987.

Sérgio Moacir Marques

Arquiteto - FAU Ritter dos Reis (1984). Especialista em Arquitetura Habitacional - PROPAR/UFRGS (1985) e mestre, pelo mesmo programa (1999). É professor assistente do Departamento de Arquitetura da UFRGS e professor titular do Departamento de Projeto na Ritter dos Reis, onde também é Coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo.